

PIM-PAM-PUM!

DIRECTOR
AUGUSTO DE SANTA-RITA

ANO XIII
N.º 633

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL
LO SECULO

DOIS IRMÃOS

Por MANUEL FERREIRA

Desde que, misteriosamente, em certa tarde brumosa, desaparecera a filha dos senhores Vieiras, abastados proprietários alentejanos, nunca mais estes tiveram um momento de alegria.

A pequenina Maria Isabel tinha quatro anos. Brincava num jardim próximo do palacete de seus pais, entregue à vigilância da Perpétua, a velha criada que fora ama do senhor Vieira. Porém, num momento de distração da pobre mulher, a criança desaparecera.

Dias depois, receberam os pais uma carta, dizendo onde estava a menina. Todavia, Maria Isabel não mais se encontrou.

Passaram três longos anos de desdita. Não havia tempo que apagassem tão grande desgosto.

Os senhores Vieiras tinham mais dois filhos: o Joãozinho e o Carlitos. Eram gémeos e mais novos dois anos do que a irmazinha. Os pais nunca lhes falaram em Maria Isabel. Mas, por vezes, Joãozinho, que era uma bela al-

ma, surpreendia os paizinhos a soluçar. Preguntava-lhes a razão mas eles esquivavam-se a responder.

Contudo, certo dia, o pai explicou-lhe: — «Foi uma tua irmazinha que morreu. Chamava-se Maria Isabel e era tão boazinha.»

Chegara-se à véspera dos anos. Ao ver a tristeza dos pais, nem Joãozinho se lembrou de pedir brinquedos. Carlitos, pelo contrário, mau como nunca, pedira, quasi exigira que os pais lhes dessem um sem número de mimos.

Então, Joãozinho, alma ingenua, pediu a Deus que lhe trouxesse a Maria Isabel. Sabia que a mana estava no céu. Portanto, talvez Nosso Senhor a deixasse vir à terra visitar o mano.

No dia do aniversário, Joãozinho recebeu imensos brinquedos, mas para Carlitos nem uma lembrança houve. Pois ele fora sempre tão mau!...

Porém, Joãozinho, bom como sempre, deu alguns dos mimos que recebera ao irmão.

Carlitos e Joãozinho estavam à ja-



nela, quando uma pequenita passou na rua.

Rotinha e esfarrapada, era um dó olhar para ela. Era linda, tão linda que parecia, no meio de tanta miséria, uma pérola num monte de trapos. Comovendo-se Joãozinho com tamanha desdita, perguntou à pequena:

— «Como te chamas?»

— «Não sei, menino...»

E suplicou, envergonhada, enquanto as lágrimas lhe assomavam ao rosto:

— «Se o menino dissesse à sua criada para me dar alguma coizinha para comer. Tenho tanta fome.»

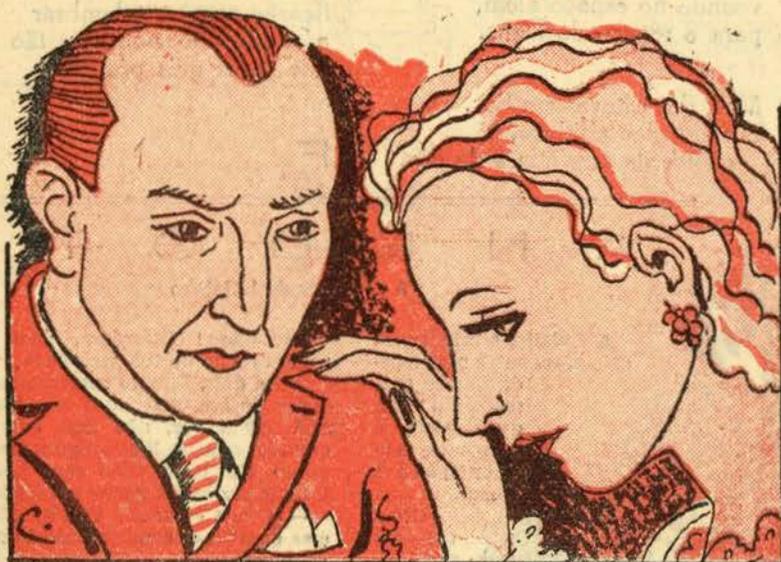
Os olhos do bom pequeno turvaram-se. Mas Carlitos interveio:

— «Lá está o piégas! Que se governe a mendigar.»

Joãozinho, porém, retorquiu:

— «Então, Carlitos, devemos ajudar os pobres. E' o que nos diz a mãizinha...»

E, dirigindo-se à pequena, acrescentou:



(Continua na página 7)

A LENDA das ESTEVAS

Por FELIZ VENTURA

Jesus,
— o meigo Jesus —
andava, um dia, brincando
com uma bola de luz.
Nossa Senhora,
que perto estava fiando,
ia o Menino vigiando.

S. José, serenamente,
não longe, ao pé de um ribeiro,
ia serrando, contente,
um tósco e grosso madeiro.

Voavam pombas, mansinhas,
pelos beirais dos telhados.

Era a hora em que pastavam,
sossegadas, ovelhinhas
pelos verdejantes prados!...

Tudo solidão e calma!
Chilreavam passarinhos,
que andavam, com alegria,
a construir seus ninhos.

Parecia a Natureza
adormecida, contente,
mostrando-nos, claramente,
a sua estranha beleza.



Eis senão quando, o Menino,
já cansado de brincar,
se vai, sereno, sentar
à sombra dumas estevas,
cobertas de flores mimosas,
tão brancas como o luar.

Ouvia-se, muito perto,
o canto meigo e suave
dum pequeno zagalinho.



E, ao longe,
brancas velas dum moíño
recortando o azul dos céus,
lembravam bando de pombas
voando no espaço além,
para o regaço de Deus.

Mas, das estevas em flôr,
partem pios aflitivos,
cheios de angústia e de dôr.

Entretanto, o Deus-Menino,
erguendo-se, de-repente,
afasta os ramos e vê
uma pequena avezinha
a quem uma cobra imunda
queria, feroz, tragar.

Porém, ao ver que em socorro,
vinham da pobre avezinha,
dá um salto, de-repente,
fugindo, com ligeireza,
deixando liberta a prêsa.

Nisto o Menino repara
que um dos seus dedos picara
num cspinheiro que estava
entrelaçado nos ramos.
Vai, então, o Deus-Menino
limpa o dedo, de mansinho,
com jeito, muito ao de leve,
numa flor branca de neve.

Logo as pétalas formosas,
ficam de rubro manchadas.

É, pois, por esta razão
que as estevas, desde então,
têm flores côr de neve,
marcadas com sangue puro,
o sangue do bom Jesus.

Pelo mundo, eternamente,
ficarão sempre a lembrar
a acção tão nobre e tão bela
que Jesus quis praticar.

F I M

A N E D O T A

A resposta do Luizinho

O Luizito, a brincar na saleta, encontra uma moeda de dez centavos em cima dum sofá e apressa-se em entregá-la à mãe.

—«Bra-vo!—diz esta,—

Gosto disso! Guarda-a, meu filho, como prémio da tua virtude!»

Daí a dias, Luizito encontra no toucador de sua mãe cinco escudos; porém, desta vez, não lhos entrega e quando aquela lhe pergunta se por acaso ele teria visto essa quantia, Luizito diz com a maior naturalidade:

— «Cinco escudos? Vi e apanhei-os, mas guardei-os como prémio da minha virtude!»

IN-SATIS-FEITOS

Por NELMA ESTEVES



«Certa manhã de sol, um viandante
Seguia o seu caminho a passos lentos;
O rosto entristecido, o olhar distante,
E o coração aberto a mil lamentos...

Distraiu-o do seu cismar alheado
A voz dum passarito lastimoso,
Que, do cimo dum galho, já quebrado,
Olhava o chão, maguado e pesaroso.

Parou este homem a saber a causa
Daquela dor pungente da avesita
E perguntou, depois de breve pausa:
— «Porque estás, avezinha, tão aflita?»

Mas, nisto, reparando, então, melhor,
Notou no solo um ovo pequenino
Que caíra do ninho acolhedor
Daquela afectuoso passarinho.

De-veras comovido, piedoso,
Com jeitos delicados de ternura,
Pegou nesse tesouro precioso
E pô-lo em seu lugar, com mão segura.

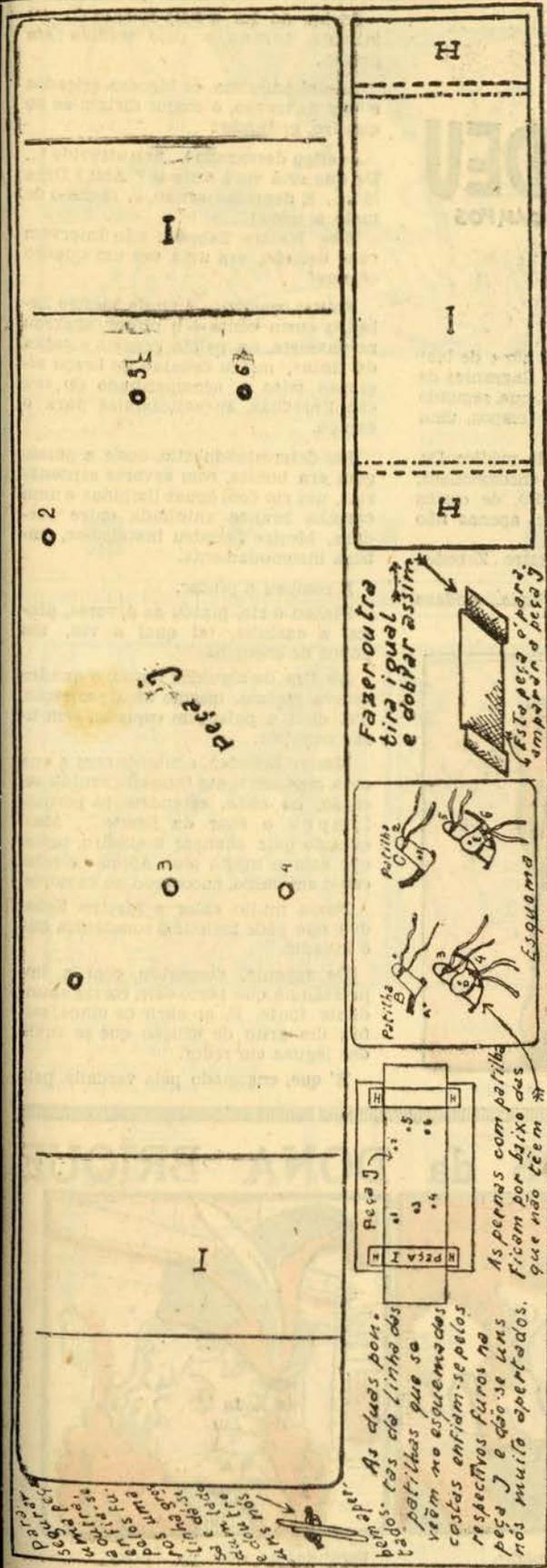
Ao ver aquilo, alegre, radiante,
Diz, pipilando, a ave agradecida:
— «Deus te dê, lá no céu, glória constante
E, na terra, prazer por toda a vida!»

Ah! quem me dera, como tu, ser forte
E ter mãos como tens, bom caminheiro!
Eu seria feliz até á morte,
Trabalhando, a cantar, o dia inteiro!»

Triste sorriso iluminou o rosto
Do viandante, ouvindo este desejo,
E disse à ave com cruel desgosto:
— «Não! Tua feliz sorte é que eu invejo!»

Vê, jámais, por completo, alguém louvou
A vida que aqui teve, boa ou má.
Jámais no mundo alguém se contentou
Com a sorte de escravo ou de rajá.

Os destinos diversos se consomem
Em anseios, vê tu, ó passarinho!...
Tu querias ter força e ser um homem;
E, como tu, eu queria ter um ninho!»



DUAS HISTÓRIAS DE ZEBEDEU

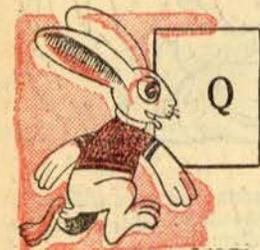
POR LEONOR DE CAMPOS



Um esplêndido pintor é Mestre Zebedeu!...

As suas paisagens são maravilhas de cor e de luz! Os retratos pintados por ele são tão flagrantes de verdade, tão parecidos com os retratados, que, segundo conta o grande pintor, lhe sucedem há tempos, uma curiosa partida:

Mestre Zebedeu pintou o retrato do médico Dr. Ananias. E à espera da moldura que encomendara, colocou o quadro num canto do estúdio, de costas para a luz, coberto com uns panos que apenas não encobriam a cara do doutor.



Ora, precisamente nesse dia, Mestre Zebedeu

recebe a visita do valente major Espada.

O major é boa pessoa mas tem muito génio e alguma miopia. Andava nessa altura de relações cortadas com o doutor Ananias.



Assim, ao ver o belo retrato do seu inimigo, tomou-o pelo médico em pessoa.

Assanhadíssimo, os bigodes eriçados e voz de trovão, o major dirigiu-se ao quadro, gritando:

— «Seu descarado!... Seu atrevido!... De que está você a rir-se? Anh? Diga lá!... E depressa, senão... racho-o de meio a meio!...»

E se Mestre Zebedeu não interveem com decisão, era uma vez um quadro célebre!

Noutra ocasião — é ainda Mestre Zebedeu quem conta — o pintor agarrou no cavalete, na paleta, pincéis e caixa de tintas, meteu debaixo do braço algumas telas e, acompanhado do seu cão Barrabás, encaminhou-se para o campo.

Em determinado sítio, onde a paisagem era bonita, com árvores centenárias, um rio com águas límpidas e uma casinha branca aninhada entre verdura, Mestre Zebedeu instalou-se, embora incomodamente.

E rompeu a pintar.

Pintou o rio, pintou as árvores, pintou a casinha, tal qual a viu, um pouco de esquelha.

Ao fim de algumas horas, o quadro estava mesmo, mesmo uma perfeição. Tal qual a paisagem copiada, sem tirar nem pôr.

Mestre Zebedeu, contente com a sua obra mas um tanto fatigado, sentou-se, então, no chão, estendeu as pernas, limpou o suor da fronte... Mas, quando quiz admirar o quadro, notou que estava muito alto. Apoiou-o e colocou-o em baixo, encostado ao cavalete.

Fazia muito calor e Mestre Zebedeu não pôde resistir à sonolência que o invadia.

De repente, despertou com a impressão de que perto d'ele, corria abundante fonte. E, ao abrir os olhos, soltou um grito de aflição que se ouviu dez léguas em redor.

E' que, enganado pela verdade, pelo

PENSAMENTOS

Um bom dito é uma pequena obra que não admite segunda edição.

As mais ridículas e mais arrojadadas experiências têm sido, às vezes, a causa de sucessos extraordinários. — *La Rochefoucauld.*

O mundo perdôa tudo aos habilidosos; não perdôa nada aos desastrados. — *Victor Cherbuliez.*

Educar a mocidade, é desenvolver harmonicamente as suas faculdades morais, intelectuais e físicas. — *Deuzel.*

OS DITOS da DONA BRIQUE



Dona Brique é uma senhora que anda sempre atarefada, com modos mais que irritados mas sem nunca fazer nada.



Estando, há dias, na Enixa, que lhe havia de lembrar? Uma música bonita, para piano, ir comprar.

NOS GRILHÕES da ARMADILHA

Por MARIO S. GIL

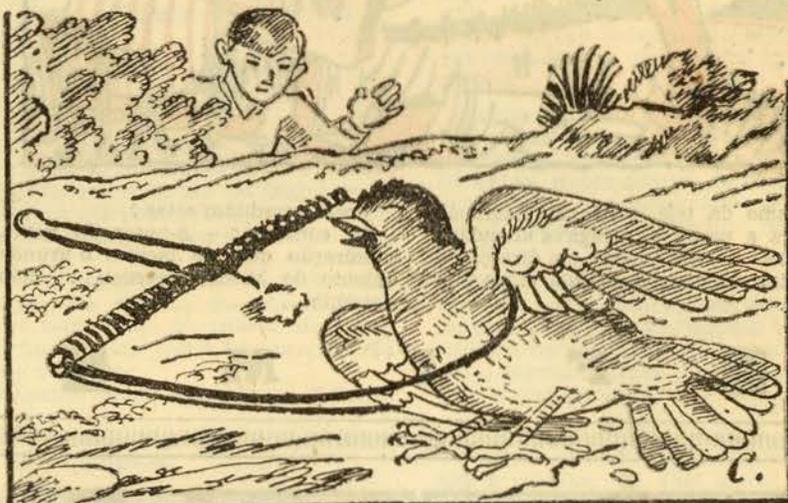
Passava eu, à tardinha,
Junto de uma velha azenha
Que há muito não mói farinha
Nem range, com voz roufenha,

Num sítio que era um encanto,
Onde as águas da ribeira
Deslisavam sem quebranto,
Numa indolência fagueira.

E onde, por todo o arvoredo,
Entre a virente folhagem,
Se ouviam, quasi em segrédo,
As murmurações da aragem,



Misturando-se aos trinados
Das aves, em borborinho,
Livres daqueles cuidados
Que antes tinham pelo ninho;



Quando vejo, casualmente,
À meus pés, uma avezinha
Que estava — pobre inocente! —
Nos grilhões de arma daninha!...

Apressei-me a socorrê-la
Mas era tarde de mais...
— Sua vibrante goela
Nem, sequer, soltava uns ais!

Tinha o bico todo aberto
E com êle assim ficou;
Seu olhar, que fôra esperto
A fria morte o fechou.

Continuei o passeio,
mas sob aquele desgosto,
A tudo seguindo alheio,
Pois nem vi que era sol-pôsto!...

Mas eis que, mais adiante,
Me atrai estranho rumor...
— Olho, ansioso, anelante,
E deparo um novo horror:

— Outra infeliz avesita
Caíra também, num laço:
Já se debatia aflita,
Quasi cedendo ao cansaço...

De novo, sem hesitar,
Corro, depressa, a salvá-la.
— Acarinho-a, lanço-a ao ar...
E ela, agradecendo, abala!

Surge-me, então, um rapaz,
(D'entre uns cedros junto ao rio)
com atitudes de audaz,
E modos de desafio.

(Continua na página 7)

Premiados no Concurso GRANDES de PORTUGAL



Daniel Roque Ri-
beiro



Maria Julia Rôla



Virgínia Assunção
Nunes Martins



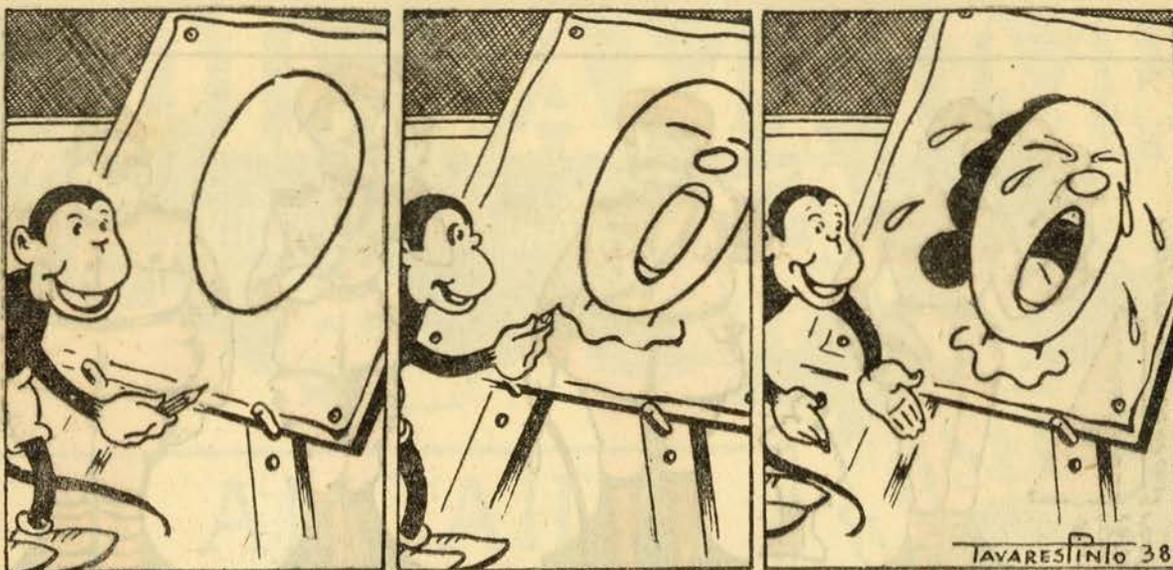
Maria Graciete
da Silva Soeiro



Maria Magarida dos
Santos Matroco



Jorge Damião Bri-
gida



CHICO MACACO CARICATURISTA

DOIS IRMÃOS

(Continuado da página 1)

— «Vou chamar a criada que lhe há-de dar alimentos.»

Satisfeito, Joãozinho perguntou à mendiga:

— «Com quem vives?»

— «Eu, meu menino? Vivi, até há pouco, com uns saltimbancos, mas eles abandonaram-me numa terra afastada. Ouvi dizer que os meus paizinhos estavam no céu.»

Assim falando, a pequenita entrou na cozinha e reconfortou o estômago débil.

Ao saber que uma pobrezinha tinha sido recolhida pelo João, os senhores Vieiras chamaram a pequena e, impressionados pela beleza da mendiga, fizeram-lhe várias perguntas.

A pequena trazia um chalinho velho nos ombros. E, em certa altura, o chalinho descaiu, mostrando um sinal, em forma de estrelinha, num ombro.

Não foi preciso mais para que a mãe de Joãozinho se erguesse de súbito e corresse para a pequena, dizendo:

— «Graças a Deus, encontrei a Maria Isabel!»

O senhor Vieira, assarapantado, não acreditava. Mas sua esposa chorava de alegria:

— «Não vês, António, que é tal qual a minha cara; louira, de olhos azuis, e que o sinalzinho é o mesmo que tu tens?! Não vês?! Provavelmente, foi raptada pelos saltimbancos.»

Nosso Senhor fizera a vontade ao Joãozinho, trazendo-lhe a irmã, como o mais desejado presente de anos.

Arrependido, Carlitos tornou-se bom como o irmão.

*

Daí a meses, um saltimbanco, que

fôra prêso, contou que, havia já alguns anos, roubara uma menina a uma família de apelido Vieira. Como Maria Isabel não tivesse boa voz para cantar, fora abandonada pelo saltimbanco numa aldeia, começando, então, a estender a mão à caridade...

F I M

NOS GRILHÕES DA ARMADILHA

(Continuado da página 6)

Eu, então, vendo que ele era
O cruel algoz das aves,
Abrandei, assim, a fera,
Com estes termos suaves:

— «Amigo, se atrevimento
Achaste em meu proceder,
Crê que não foi meu intento
Alguém, sequer, ofender,

Creio que dar liberdade
A's avezinhas de Deus,
Não é obra da Maldade
Como são os laços teus!»

F I M

Concursos Quinzenais de Contos e Poesias infantis

Apuramento final

CONCURSO DE CONTOS INFANTIS

- 1.º Prémio — Não foi concedido.
- 2.º » Idem.

MENÇÕES HONROSAS:

- 1.ª O Sonho — por Carlo.
- 2.ª As duas portas — por Rassec.
- 3.ª Não desprezes a tua Pátria — por Graciete Maria Barros.

CONCURSO DE POESIAS INFANTIS

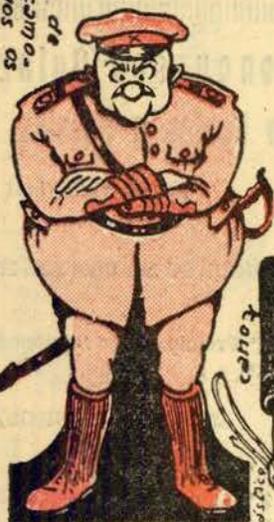
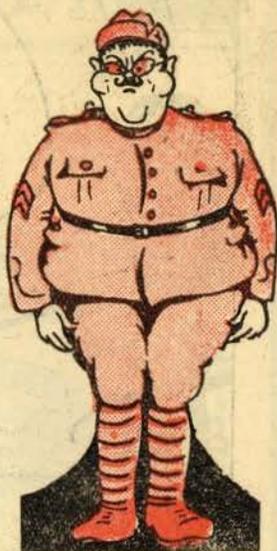
- 1.º Prémio — Não foi concedido.
- 2.º » Boa acção por Êmecêpê.

MENÇÕES HONROSAS:

- O Alcaide do Castelo de Faria — por Maria Diniz Martins.
Um boneco na praia — por Maria de Portugal.
Pobrezinha — por José de Oliveira.

São também dignos duma referência especial, o conto «Lição» de Maria de Portugal e a poesia: — «A Providência não dorme» — de Mariazinha, que não publicamos pelo facto de não serem de feição caracterizadamente infantil.

Amparo dos bonecos e restantes 5 amparos.



Esteviste, que irá bater no bala. faz-se em madeira ou mesmo de papel, para o que se corta um bocado de papel de madeira.

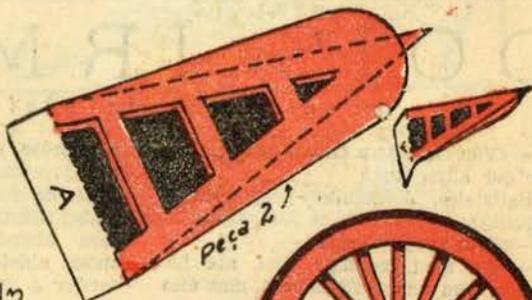
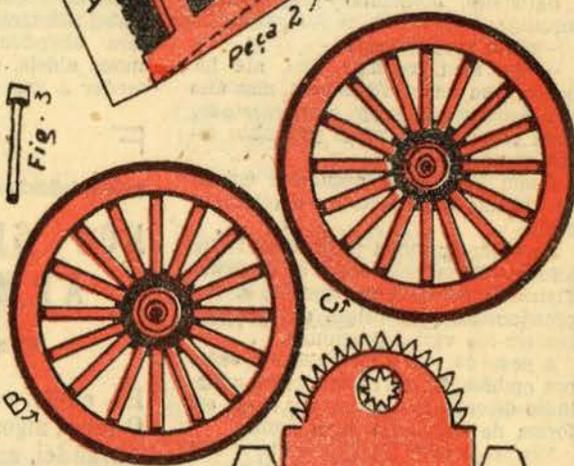


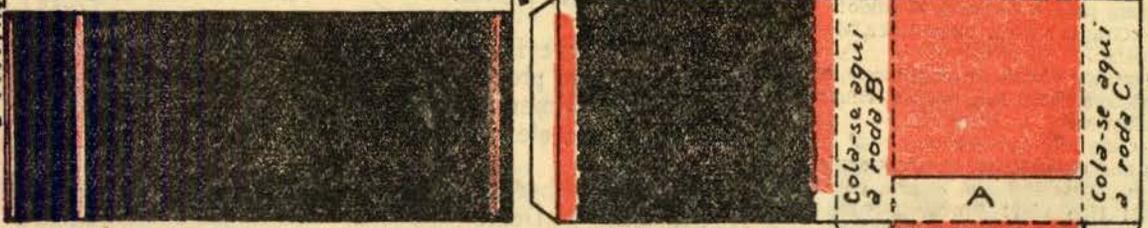
Fig. 3



Prolongar esta tira, que é o cano, uns 10 centímetros

interior

cano



Cola-se aqui a roda B

Cola-se aqui a roda C

Peça 1

PIM PAM PUM

PASSATEMPO

POR TAVARES PINO

